◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2021

ANO 6 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: FERNANDA MARX

"A gente não é diferente de ninguém"

Cantora e jornalista, Fernanda Marx revela sua vivência e opinião sobre o racismo no Brasil

REPÓRTER: MATHEUS HENRIQUE

Formada em 2006, Fernanda Marx se divide entre suas duas paixões: o jornalismo e a música. Tirou inspiração do avô, Sebastião, que a cercava de histórias e além de ler muitos livros para a neta, também assinava jornais. Ainda em casa, tinha a família ligada à música, com os irmãos tocando em bandas e a tia, professora de piano. Já participava, desde os 13 anos como, cantora da Companhia Brasileira de Ópera de Repertório, a Cia. Minaz, de Ribeirão Preto, onde atua até hoje, agora também na assessoria de empresa, na qual é especializada. Iniciou em 2012 a carreira solo de cantora, estreando o show Flor de Café. Durante a carreira, lançou também os shows Use Dorival Caymmi, Refazendo Gonzaguinha, Baile da Nega, Marx canta Jackson e Brasilidades. Possui um disco solo, o INNOVE, interpretando nove músicas, lançado em 2017.

Foto: Sté Frateschi

MURAL ENTREVISTA – O que aconteceu para você seguir a música mesmo com formação em jornalismo?
FERNANDA MARX – Eu tinha uma impressão muito errada de que quem faz música tem a vida cheia de limites. Eu falava: "eu não quero ser cantora porque cantora não pode ir na festa, não pode dormir tarde, não pode tomar gelado...". Apesar de já cantar no Minaz (Cia. Minaz), eu falava que não queria isso para o resto da minha vida. Mas, as pessoas começaram a me convidar para fazer participações. Em 2011, fui convidada para integrar uma banda de blues como backing vocal e comecei a gostar daquele mundo. Em 2012, assistindo a um espetáculo de um amigo, falei que começaria a minha carreira solo. Comecei a juntar banda, equipe e organizar o show. Ficamos seis meses para lançar o "Flor de Café", meu primeiro show. Quando soltamos os ingressos no primeiro, segundo dia, esgotaram. E foi muito bacana, no primeiro show casa lotada. E depois disso fui criando outros projetos.

Quais as maiores dificuldades que enfrentou para entrar no mercado atuando como cantora e jornalista?
A música é um meio muito masculino e escutei, por exemplo, que era "filhinha de papai"; que ia fazer esse show e não faria mais nada. Pessoas chegaram a se negar a cantar comigo. Já tiraram sarro de como eu segurava o microfone para ver se me intimidava. Mas eu sou casca grossa. Ter uma mulher liderando é algo que incomoda demais. E ter uma mulher preta dando ordem, aí é pior. Aconteceram essas coisas, tanto no jornalismo, quanto na música.

E na Universidade? Você se sentiu discriminada? Quantos negros havia na sua turma?
Na minha sala só tinha eu. E no curso de Comunicação daquela época, tinha apenas eu e minha prima, além de alguns outros, só que era muito pouco. Uma universidade paga, então o acesso é mais difícil. Mesmo que tinha desconto ou bolsa, ainda é uma universidade paga.

Você se sentia incomodada por ser a única aluna negra da sua sala?
Não, não sentia. Meus pais sempre me passaram que a gente não era diferente de ninguém. Antes eu estudava em escola particular. No ensino fundamental não tinha negros, apenas eu e o neto de um dos funcionários da limpeza. Depois, no ensino médio, tinha mais um menino, que inclusive passou em primeiro lugar em um curso da USP. Mas é assim, o negro tem que fazer vinte vezes pra poder estar em um lugar. Mas nunca me incomodou, o que me incomoda é que eu queria que houvesse outros negros ocupando o mesmo lugar.

Em relação a isso, agora como você se sente como uma cantora negra?
Tenho minha imagem muito formada e a minha imagem é de não, não faça graça, não te dou esse espaço. Porque assim, a forma como eu me visto, a cor da minha pele, a forma como é meu cabelo e a minha diversão, não anulam a minha competência.

Por que esses episódios acontecem?
Porque é um problema cultural. Vão demorar algumas gerações e não sei se acaba. A criança repete aquilo que ela escutou do pai, se referindo "àquele negrinho, àquela negrinha, é coisa de preto". Então, infelizmente vai durar muito.

O que você acha das medidas destinadas à inclusão, como o uso das cotas em universidades?
Não fui cotista, já tive muitas discussões sobre as cotas. Eu acho, é uma situação de reparação. Eu vejo que são como uma medida emergencial. Eu já escutei histórias de humilhações horrorosas; de que aquela pessoa não tem capacidade, de que estaria roubando o lugar dele, de que ganhou desconto ou de que não paga. Quando eu fui capa da Revide, ouvi que estava do lado da "força errada", mas não, é muito melhor estar ali, naquele espaço. Eu fui a primeira a ser capa da Revide sozinha e olha como isso é massa, o quanto isso é representativo.

Ter negros no poder é uma ameaça a sociedade?
É uma ameaça total. Não para mim, mas as pessoas têm esse medo. Por exemplo, uma jornalista, Maju Coutinho, foi ela começar a destacar que o povo já começou a falar do cabelo, da vida particular.

Como as pessoas negras, especialmente os jovens, devem se posicionar em relação ao racismo? Qual ensinamento você gostaria de transmitir?
Cada situação é diferente. Mas uma das coisas que tenho feito muito em relação a qualquer tipo de preconceito é deixar claro que não é brincadeira. Para um jovem negro, entender que ele não é menor por ser negro. Entender que a cultura negra é incrível, então, ler cada vez mais, consumir os conteúdos de outros negros, documentários, ter a educação na ponta da língua. E por mais difícil que seja, ter o discurso dentro de si de que você é muito bom. Você só consegue convencer alguém se você acreditar. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Gabriel Bordonal (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)